

REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NA REGIÃO METROPOLITANA DA GRANDE VITÓRIA: MANIFESTAÇÕES SOCIOESPACIAIS EM CARIACICA*

Productive restructuring in the Metropolitan Region of Greater Victoria:
Sociospatial occurrence in Cariacica

La reestructuración de la producción en el área metropolitana de la Gran Victoria:
Manifestaciones en socioespacial Cariacica

Carlos Teixeira de Campos Junior

Professor Associado do Depto. de Geografia e do
Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFES.
e-mail: ctcampos@gmail.com

Resumo

É uma pesquisa realizada para compreender os impactos socioespaciais no município de Cariacica decorrentes da reestruturação produtiva verificada na Região Metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo. Tomando como referência as manifestações da relação cidade e região em Cariacica, a pesquisa abordou quatro momentos históricos considerados de mudanças importantes na orientação do desenvolvimento regional. Identificou que, como parte de uma rede de cidades Cariacica se destacou no contexto da cidade que vai se tornar metropolitana. Enquanto uma cidade metropolitana em rede foi-lhe reservada a especialização produtiva, a pobreza, e a construção imobiliária de empreendimentos populares em seu território.

Palavras-chave: Cidade, região, especialização produtiva, espaço, território.

* Este texto resulta de modificações e acréscimos realizados no texto "Novas tendências da configuração territorial de Cariacica na Região Metropolitana da Grande Vitória, ES, decorrente da perspectiva da especialização produtiva" apresentado na IX ENANPEGE, 2011.



Abstract

285

This research was developed in order to understand social and spatial impacts in Cariacica brought about by productive restructuring verified in the metropolitan region of Greater Vitória, Espírito Santo. Taking as a reference some data dealing with the relation between town and region in Cariacica, the research was focused on four historical moments covering significant changes in determining regional development. Research findings revealed that, as one in a network of towns, Cariacica stands out as a town on its way to becoming a metropolis. In its status as a metropolitan town in a network context, it shows such characteristics in its territory as productive specialization, poverty, and real state popular project building.

Keywords: City, region, productive specialization, space, territory.

Resumen

Se trata de la investigación para comprender los impactos socio-espaciales en la ciudad de Cariacica derivados de la reestructuración de la producción en la región metropolitana de Vitória, Espírito Santo. Las referencias son las manifestaciones de la relación entre la ciudad y la región. La investigación, se centró en cuatro momentos históricos considerados de grandes cambios en la orientación del desarrollo regional. Identificado que como parte de una red de ciudades, Cariacica se destacó en el contexto de la ciudad que se convertirá metropolitana. Mientras trabajaba en una red de ciudades metropolitanas, a Cariacica fue diseñado para la especialización productiva, la pobreza y la construcción de proyectos inmobiliarios populares en su territorio.

Palabras clave: ciudad, región, especialización, espacio, territorio



Introdução

O município de Cariacica (Figura 1), integrante da Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) no Estado do Espírito Santo, possui uma diversidade produtiva importante. Reúne os segmentos moveleiro, de confecções, metalmeccânico, siderúrgico e de bebidas; serviços de transporte e armazenamento de mercadorias, que são representativos na RMGV, além de um expressivo subcentro metropolitano de comércio varejista.

Cariacica foi o mais importante centro industrial da aglomeração urbana da Grande Vitória na década de 1950. Hoje é o município que tem a menor arrecadação per capita do Espírito Santo. No entanto, atualmente o município tornou-se alvo de disputas de grandes interesses, cujos processos decisórios vão além do limite local e da fronteira estadual.

A tendência é o estabelecimento de uma nova inserção metropolitana do município, que

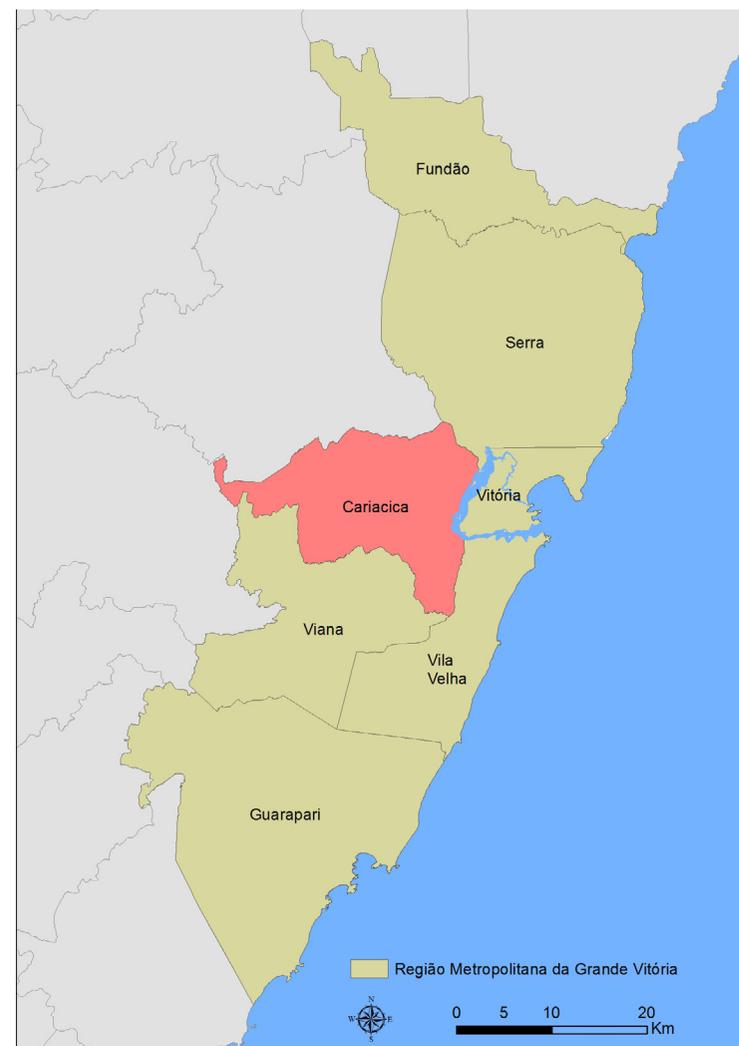


Figura 1: Localização do município de Cariacica na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV)

aponta para uma possível especialização produtiva e expansão imobiliária de empreendimentos habitacionais populares em seu território. Em termos espaciais, essa tendência deve expandir-se em direção ao limite urbano e até mesmo à área rural do município.

Cariacica, portanto, vive um duplo desafio: lidar com essa possível tendência de seu crescimento, avaliando seus impactos, e cuidar do passivo historicamente construído de situação de pobreza da sua população, a mais pobre da RMGV.

Como Cariacica se constituiu historicamente? De que maneira compreender a situação atual do município que deixou de ser o principal lócus da indústria e encontra-se na eminência de se tornar o território do armazenamento de mercadorias provenientes das atividades de comércio exterior, da expansão imobiliária de empreendimentos habitacionais populares, concentrando a porção mais importante da pobreza do território metropolitana?

A discussão destas questões será feita a partir da compreensão da relação entre cidade e região em diferentes momentos históricos, naqueles momentos que apresentaram mudanças significativas no rumo do desenvolvimento regional, com importantes manifestações socioespaciais no território de Cariacica. Como parte de uma rede de cidades Cariacica se destacou no contexto da cidade que vai se tornar metropolitana. Enquanto uma cidade metropolitana em rede foi-lhe reservada a especialização produtiva, a pobreza, e a construção imobiliária de empreendimentos populares em seu território.

Nesse sentido os procedimentos da pesquisa tiveram as seguintes orientações: identificado o objeto de estudo – Cariacica e suas transformações socioespaciais – este objeto concreto tomado na atualidade, foi o ponto de partida das investigações. Do objeto recortado e considerado em seu contexto e lugar, buscou-se, com o recurso da história e das refe-



rências teóricas a ele pertinentes, encontrar os seus fundamentos explicativos. No movimento de volta para reconstruir o objeto, fazendo uso das mediações convenientes, incorporaram-se dados, informações, resultados de pesquisas, dentre outras informações, buscando, nesse movimento de afastamento das dimensões abstratas do raciocínio, perceber as riquezas do objeto no ponto de chegada. O propósito foi o de enxergar o objeto de uma outra maneira no percurso desses movimentos realizados de forma permanente ao longo da pesquisa.

Nesta perspectiva, a pesquisa se desenvolveu por meio do estudo da participação de Cariacica no contexto do desenvolvimento regional em quatro momentos históricos considerados importantes para revelar os fundamentos explicativos do objeto selecionado: Cariacica durante a crise do trabalho compulsório no final do século XIX; nas décadas de 1950 e 1960, período em que o modelo produtivo da economia capixaba apresentava sinais de

esgotamento; durante sua recomposição em novas bases, com o deslocamento do centro do processo de acumulação do campo para a cidade; e no momento atual.

Aspectos históricos da formação urbana de Cariacica

Transição do Trabalho escravo para o trabalho livre

A crise do trabalho compulsório foi um momento de mudanças no país e muito significativa para a compreensão do Espírito Santo hoje. Originada no comércio, a crise ameaçava a estrutura produtiva vigente no país. O trabalho livre do imigrante europeu foi a solução encontrada para substituir o escravo na cafeeicultura, mantendo os interesses das elites (MARTINS, 1981).

No Espírito Santo a transição do trabalho compulsório para o trabalho livre foi diferente da ocorrida em São Paulo. No território capixa-



ba, o trabalho livre promoveu a desconcentração na posse da terra e permitiu a formação de uma nova fração de classe que disputa o poder no Estado.

O Espírito Santo, por ter apresentado uma importante adesão à política de imigração do governo imperial, que trouxe o europeu e difundiu a pequena propriedade em terras capixabas, com a abolição apresentou uma situação diferente daquela do Estado paulista. O europeu no Espírito Santo, em sua maioria italianos e alemães, pelas condições encontradas, preferiu o acesso à propriedade da terra e trabalhar por conta própria ao regime de colono nas fazendas de café. Com a dificuldade de braços para o trabalho, os fazendeiros instituíram o regime de parcerias; mas este não se mostrou eficaz.

Resultado: muitos fazendeiros não resistiram à abolição e faliram. Outros, mais hábeis, antes que o problema ganhasse proporções incontroláveis, resolveram repartir e doar

suas terras aos imigrantes, com o compromisso de que estes lhes vendessem o café produzido nessas terras. Ocorreu, por consequência, o deslocamento do centro do processo de acumulação da produção para o comércio – fazendeiros transformaram-se em comerciantes.

A firma Duarte e Beiriz, instalada em Iconha, é um exemplo dessa situação. Comprava fazendas falidas para repartir em lotes e vender a preços módicos aos imigrantes. Não se trata efetivamente de uma estratégia empresarial focada no comércio de terras, mas de expedientes que visavam ao comércio de café. As terras eram vendidas aos imigrantes, que pagavam com o café. Visavam à formação de cadeias de comercialização de café, com o comércio estabelecendo formas de subordinação da produção (CAMPOS JUNIOR, 1996; CAVATI, 1973).

A emergência, na elite da classe desses comerciantes, a proliferação da pequena propriedade a partir da imigração europeia e a in-



tenção de centralizar o comércio de café em Vitória a partir do início da República, essas mudanças estão relacionadas à transição do trabalho compulsório para o trabalho livre nas lavouras de café capixaba.

A emergência, no poder do Estado, dessa fração de classe foi tão significativa a partir do início da República que se criou um plano para induzir a centralização do comércio de café em Vitória, que se tornaria, nessa perspectiva, uma grande praça comercial do Espírito Santo e de parte de Minas Gerais (CAMPOS JUNIOR, 1996).

Consta desse plano a construção de um sistema ferroviário. Este concebido para ligar o sul do Estado a Vitória e esta capital a Minas Gerais, respectivamente as iniciativas de construção da Estrada de Ferro Leopoldina, hoje Centro-Atlântica e a Vitória-Minas. Como Cariacica participou desse momento de mudanças? A imigração europeia nesse momento não teve importância em Cariacica. Não difundiu

a pequena propriedade nem a etnia italiana e alemã, que foram as mais representativas da imigração nesse período no Espírito Santo. O café não teve representatividade senão residual. Predominava o cultivo da cana para produção de açúcar. Os registros do cronista¹ indicam a existência do comércio como a atividade das mais representativas. Cariacica no século XIX produzia açúcar e era um entreposto comercial para onde convergiam tropas mueres que abasteciam Vitória.

Nos primórdios Cariacica teve os seus engenhos construídos pelos jesuítas: Maricará, Ibiapaba, Roças Velhas e Caura. Mesmo com a saída destes a produção de açúcar prosseguiu nessa região e só posteriormente os engenhos deram lugar a alambiques. O Recenseamento do Brasil de 1872 mostra Cariacica como a paróquia mais populosa das cercanias de Vitória. Entre as 11 paróquias mais próximas de

1 Omyr Leal Bezerra. Cariacica: Resumo histórico. 2. ed., Cariacica, IPEDOC, 2009. Tomamos como referência este livro para muitas das informações históricas sobre Cariacica.



Vitória, a de São João de Cariacica era a mais populosa, com uma população escrava importante, o que ajuda a explicar a relevância da produção de açúcar ainda no último quartel do século XIX.

O acesso ao interior do território era feito pelos rios, que funcionavam como verdadeiras estradas líquidas, servindo ao abastecimento e ao escoamento da produção. O rio Cariacica, que se ligava ao rio Bubu, foi o acesso que levou os colonos, a partir da baía de Vitória, a ocupar o interior de Cariacica. Essa direção, das entradas para o interior, respondeu pela existência do Porto de Cariacica e, nas imediações deste, pela fundação, na parte elevada, do povoado-sede e pela construção da igreja de São João Batista de Cariacica.

A partir do século XIX Cariacica tornou-se entreposto de tropas vindas do interior. Com o fim da chamada "barreira verde", a estrada do Rubim² e o caminho que vinha de

2 A estrada do Rubim (governador entre 1812 e 1819) foi a primeira estrada construída para ligar o Espírito Santo a Minas após o fim da chamada "barreira verde", que proibia a abertura de caminhos entre as duas colônias durante o ciclo do ouro.

Jabaeté (Viana)³ convergiam as tropas para Cariacica, trazendo mercadorias que eram levadas a Vitória, atravessando dali a baía. Há registros de boiadas vindo de Minas que chegaram a Cariacica em 1830. Esse movimento de mercadorias ajuda a explicar o comércio na sede da vila de Cariacica, conforme relato do cronista (BEZERRA, 2009). Verifique na Figura 2 essa posição estratégica de Cariacica em relação a Vitória.



Figura 2: Convergência dos transportes para Cariacica antes de alcançar Vitória, Bezerra, 2009, p.40.

3 Este caminho também foi construído durante a administração Rubim (1812-1819).

Apesar de o café já ser a principal atividade econômica do Espírito Santo desde 1853, superando o açúcar conforme ALMADA (1981), tal cultura não aparece nos registros econômicos de Cariacica como algo importante no século XIX.

A facilidade de acesso à propriedade da terra por parte do imigrante não se constituiu em fator que concorreu com a grande propriedade em Cariacica quando se deu a abolição da escravatura. A imigração europeia não se difundiu naquela região. Os problemas de mão-de-obra advindos da abolição tiveram de ser resolvidos nos estreitos limites das condições de trabalho existentes no lugar.

Não há registro de imigrantes italianos em Cariacica até o Recenseamento do Brasil de 1920. Deste modo, a mudança ocorrida na estrutura produtiva com o fim do trabalho escravo não difundiu em Cariacica a pequena propriedade, nem foi marcada pela imigração europeia, tal como se caracterizou no restan-

te do território estadual. Resultado: a grande propriedade foi afetada. A produção de aguardente substituiu a de açúcar e aumentou a quantidade de terras ociosas nas propriedades.

Conformação de outras centralidades

Outros fatores impactaram Cariacica no final do século XIX. A centralidade exercida como entreposto comercial de tropas vindas do sertão sofreu os efeitos do projeto comercial concebido para Vitória. A centralidade que havia em Porto Novo, para onde convergiam os caminhos terrestres que levavam a Vitória – fazia-se a travessia da baía em Porto Novo –, deslocou-se para Argolas.⁴

A Estrada de Ferro Sul do Espírito Santo, construída para ligar Vitória a Cachoeiro de Itapemirim partindo de Argolas, chegou a Viana em 1895. A Estrada de Ferro Vitória-Minas,

⁴ No Porto das Argolas ficava o marco zero tanto da Estrada de Ferro Vitória-Minas quanto da Ferrovia Sul do Espírito Santo. Neste local hoje funciona o Museu Ferroviário da Vale.



como parte do mesmo projeto de ligar o território capixaba a Vitória e esta capital a Minas, iniciada em Argolas em 1903, atinge Cariacica em 1904, Colatina em 1906 e Natividade, em Minas, no ano de 1910. O novo meio de transporte, concorrendo com as tropas muares, mudou a convergência dos fluxos de mercadorias de Porto Novo, em Cariacica, para Argolas, em Vila Velha, na época pertencente a Vitória.

Apesar de concluída a malha de integração física do território estadual por meio ferroviário em 1910, sua operacionalização só vai se realizar depois de concluída a ligação sul da ilha de Vitória com o continente em 1928, com a inauguração da Ponte Florentino Ávidos (COELHO; SETTI, 2000). O escoamento do café produzido no sul do Estado continuava em grande parte a ser realizado pelos portos do Rio de Janeiro, dada a permanência de laços comerciais ainda fortes dessa região com a capital carioca. A zona pioneira do norte do rio Doce, a que se tornaria a mais próspera em

produção de café na década de 1950, começava a ser ocupada. E a maior parte das mercadorias escoadas por via fluvial era armazenada em Vitória, de onde era exportada.

Barcaças transportavam o café da região serrana pelo rio Santa Maria de Porto Cachoeiro de Santa Leopoldina a Vitória para ser exportado (MONJARDIM, 1950). Esta situação mudou com a construção, em 1919, da estrada de rodagem entre Santa Leopoldina e Santa Teresa (COSTA, 1982). O café transportado pelo rio Santa Maria ia para Santa Teresa, para descer até Fundão, de onde, transportado por ferrovia, chegava a Argolas. Desloca-se, por consequência, de Vitória para Argolas e Jardim América (Cariacica) o armazenamento de café anteriormente feito em Vitória. Observe a Figura 3.

Essa situação se intensificou. Na década de 1930 avançaram as obras de construção do cais do porto do lado de Vitória.⁵ A inaugura-

⁵ Os armazéns de café particulares deram lugar às obras de construção do cais.



ção, em 1927, da bolsa de café efetiva a consolidação de Vitória como centro de comércio de café do Espírito Santo. A produção da zona pioneira do norte do Estado transportada pela Ferrovia Vitória-Minas ocorre com maior intensidade nas décadas de 1940 e 1950.⁶ As duas ferrovias convergiam para Argolas. Jardim América, pela proximidade com Argolas, tornou-se o centro de convergência do armazenamento de café.

Localização privilegiada

Cariacica em 1950 produzia café, banana e cana, que gerava 1 milhão de litros de aguardente (BEZERRA, 2009). Além dessa condição de produtor agrícola, sua posição estratégica garantiu-lhe uma situação proeminente nessa década. De entreposto comercial no século XIX a município industrial, Cariacica continuava se beneficiando da proximidade com Vi-

⁶ Em 1950 o município de Colatina ocupou o 13º lugar entre os maiores produtores de café do país (CAMPOS Jr, 2004).



Figura 3: Via fluvial e ferroviária no transporte do café.

tória. Antigamente as tropas convergiam para Cariacica, para atravessar a baía e abastecer Vitória. Também vinha de Cariacica a água que abastecia Vitória (BROEDEL, 1994).

A formação histórica de Vitória como cidade comercial garantiu a Cariacica uma posição privilegiada em relação ao sistema de transporte ferroviário construído. Primeiramente a ferrovia direcionou a ocupação para as proximidades da sede municipal, por onde passava o traçado antigo da Vitória-Minas, e posteriormente, com o remanejamento do percurso, na década de 1940, para as imediações do canal da baía de Vitória, onde já havia uma oficina de reparo de vagões. Jardim América participava desse processo fazendo o armazenamento das mercadorias.

A ampliação da função comercial de Vitória relativa à exportação de café, e em seguida também à exportação de minério de ferro, teve efeitos em Cariacica. A CVRD foi criada, e sua superintendência ferroviária, instalada em Cariacica, resultando, dentre outros efeitos,

na construção de bairros operários e do bairro dos engenheiros, ambos no município.

A intensificação e regularidade do transporte de minério bem como a posição de final de linha, antes que o produto fosse exportado, viabilizaram a instalação da atividade siderúrgica, que primeiramente foi criada em Cariacica. Os efeitos do aumento da cafeicultura no Estado, com a entrada da região ao norte do rio Doce no circuito da produção manifestaram-se em Vitória, para onde o café era escoado para ser exportado.

Em conseqüência, a construção imobiliária em Vitória entrava no circuito da produção para o mercado e crescia com Vitória experimentando o processo de verticalização. Cariacica participava desse momento fornecendo materiais cerâmicos, principalmente tijolos para as edificações⁷ e móveis.⁸

7 O Sr. Virgínio Bermudes, pedreiro em Vitória nessa ocasião, trabalhava para o respeitado construtor Aurélio Porto – o Sr. Virgínio mais tarde também se tornou pequeno construtor. Entrevistado foi categórico: o melhor tijolo usado em Vitória vinha de Cariacica e, dentre os produtos, o que mais se destacava era o da olaria do Sr. Aquiles Furno.

8 Era cobiçado o uso de móveis de jacarandá na época. Os móveis do Sr. Maia, com oficina em Jardim América, eram os mais disputados pela classe média da Capital.



Nesse período Cariacica apresentava-se como o município mais industrializado da Grande Vitória. Há que se considerar o contexto daquela época. Serra, hoje o município mais industrializado da RMGV, em 1960 tinha apenas 9.192 habitantes e vivia da atividade agrícola, enquanto Cariacica chegava a quase 40 mil habitantes. O município de Vila Velha era mais populoso do que Cariacica, mas funcionava como cidade-dormitório, e Vitória, sede da administração estadual, era uma cidade comercial. Cariacica possuía dez engenhos de aguardente – fabricava 1 milhão de litros da bebida –, seis olarias, três serrarias, uma fábrica de presunto e outras duas de porte maior: o Frigorífico Kroeff e a Cofavi. Cariacica era o centro industrial da região que viria a se constituir na RMGV.

Além das duas ferrovias, duas rodovias federais pavimentadas nas décadas de 1960 e 1970 facilitaram a ligação do Estado com o sul do país e com o território mineiro (Figura

4). Tal situação criava condições para o rompimento do isolamento⁹ a que o Estado estava submetido, com possibilidade de integração do Espírito Santo à dinâmica nacional. Tal situação teve impacto em Cariacica. As ligações que as vias de transporte propiciavam naquela ocasião, vinculando novos territórios à dinâmica da capital, passavam por Cariacica. Foi mais um fator favorável à posição de destaque que apresentava Cariacica no contexto da Grande Vitória.

Momento de retrocesso

Ao contrário da fração da elite envolvida nos segmentos produtivos – engenhos, olarias, serrarias e fábricas – a outra fração da elite local dedicou-se ao comércio de terras, atraída pelas condições favoráveis de crescimento

9 Segundo o economista Wilson Cano (1977), não é possível falar de integração regional no país antes de 1930. O Brasil era uma espécie de arquipélago formado pelos Estados que funcionavam como ilhas, que não se comunicam entre si. A integração efetiva do Espírito Santo à lógica do mercado nacional foi tardia, ocorreu a partir da década de 60. No caso, as obras de infraestrutura criavam condições para viabilizar essa integração.



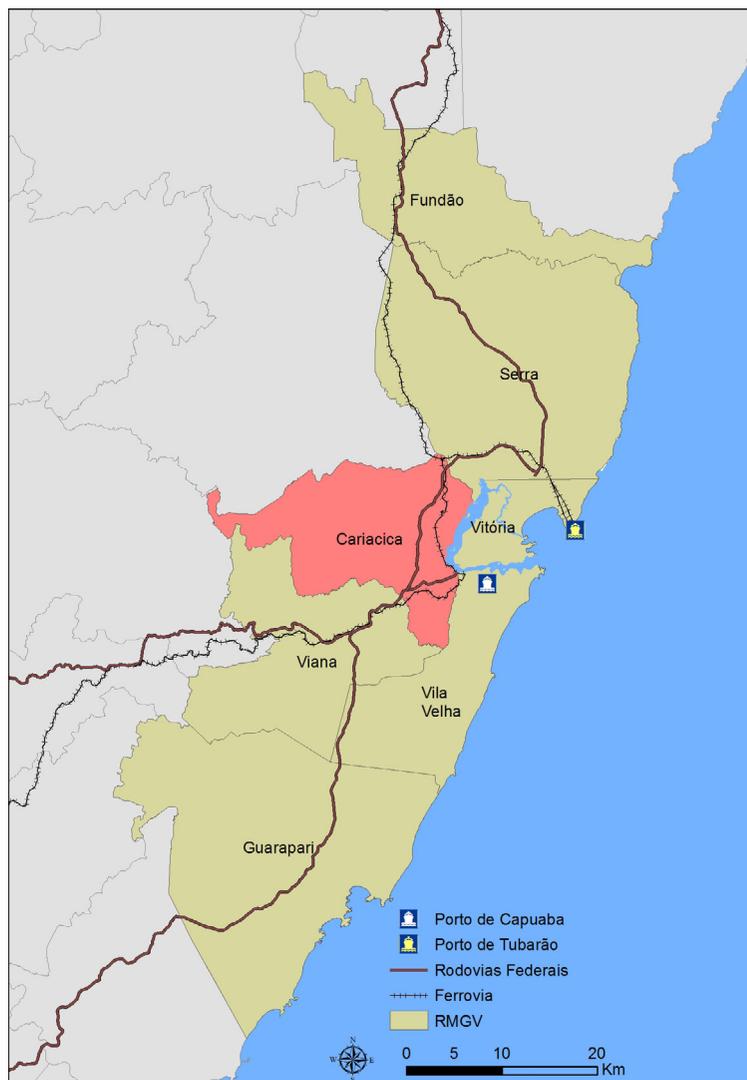


Figura 4: Rodovias e ferrovias que atravessam Cariacica

econômico manifestado em Cariacica. Os proprietários das fazendas mais próximas da área urbana, associados a imobiliárias, repartiam suas terras para venda em lotes.

O centro do processo de acumulação deslocava-se nesse momento do campo para a cidade. Crescia a população urbana de Cariacica: dobrou na década de 1940 e triplicou na década seguinte. Tudo favoreceu a atividade imobiliária. A malha urbana cresceu com a formação de novos bairros, promovidos pelos negócios com a terra.

Esse momento marca a entrada da cidade no mercado. A cidade passa a ser, além de lugar de moradia, de produção, dentre outras atividades, também objeto de negócio. Significa que novos interesses entraram na disputa pela cidade.

A cidade passou a requerer do poder público maior firmeza na gestão do seu território. E em Cariacica, por muitos anos, o desmando imperou na administração pública. Resultado:



os problemas ganharam outra dimensão, que hoje está fora da capacidade resolutiva apenas do município.

Vender para apropriar de maneira privada o que foi produzido de forma coletiva passa a ser a essência do novo negócio que Cariacica começa a experimentar, por meio dos 26 loteamentos realizados em 4 anos na década de 1950. As construções pretéritas da cidade, tanto aquelas necessárias à produção quanto à reprodução do trabalho fazem parte dessa produção coletiva de que a cidade é parte e se tornou objeto das novas disputas.

Ao final dos anos 1950, a situação econômica do Espírito Santo muda, alterando a posição que Cariacica assumia no contexto do desenvolvimento da Grande Vitória.

Momento de crise e mudança a partir dos anos 1950

Por mais de um século o Espírito Santo viveu fundamentalmente do café produzido em pequenas propriedades com utilização do traba-

lho familiar. No entanto, a atividade deu sinais de esgotamento, em decorrência da forma como vinha sendo produzida.

A cultura cafeeira percorreu o território estadual do sul para o norte. Seu cultivo utilizava intensivamente o solo, era feito com baixo nível técnico para os padrões da época, sem uso de mudas selecionadas, não se fazia poda nem adubação. Baseava-se na fertilidade natural do solo obtida das terras novas após o desmatamento.

Era comum encontrar nas propriedades cafezais de idades diferentes. À medida que as plantas envelheciam, iam ficando para trás – formavam o estoque das chamadas “terras largadas” – e novas áreas eram abertas nas matas para o cultivo. Essa maneira de cultivar café, verificada no interior das propriedades, se reproduziu no território estadual, explicando o movimento do seu cultivo seguindo o ciclo mata-café-pasto (PETRONI, 2004).

Na década de 1930, no sul do Estado, as chamadas “terras largadas”, usadas no cultivo



do café, foram ocupadas com pecuária leiteira. Não havendo mais terras novas para serem apropriadas nessa região – as fronteiras internas das propriedades diminuíram drasticamente –, o café seguiu sua marcha em direção ao norte, onde havia maior disponibilidade de terras para o cultivo (FERREIRA, 1987).

Da colônia de Santa Leopoldina o cultivo seguiu o rio Santa Joana e demais afluentes do rio Doce até a margem sul deste rio, sem se aproximar das áreas baixas, de terrenos arenosos que levavam ao litoral e, também, manteve-se afastado das terras frias, de maior altitude a oeste, lugar inadequado para o cultivo de café (PETRONI, 2004).

O citado rio formava a princípio uma barreira física que impedia o avanço da produção. Essa barreira foi transposta no final da década de 1920, com a construção da Ponte Florentino Avidos sobre o rio Doce na cidade de Colatina. Inaugurada a ponte em 1928, o norte do Espírito Santo se tornou a principal

área de expansão da fronteira agrícola no Estado. No entanto, esse “oxigênio” novo dado à cafeicultura encontrou limites intransponíveis no final da década de 1950, com o fim da fronteira agrícola. Não havia mais terras novas disponíveis, adequadas ao cultivo do café, que proporcionassem a fertilidade natural do solo, de que tanto essa cultura necessitava. Era preciso mudar para garantir, de outra maneira, a sobrevivência da estrutura produtiva. A mudança deu-se com a erradicação do café, com o retorno do cultivo de café em novas bases, com a introdução de outras atividades na agricultura e com a industrialização do Estado.

A política federal de erradicação de café teve forte impacto no Espírito Santo e implicações decisivas para o desenvolvimento de Cariacica. O Espírito Santo, entre as unidades da Federação, proporcionalmente, foi o Estado que mais erradicou café na década de 1960.

Buffon (1992) escreve sobre a dificuldade que a cafeicultura vinha enfrentando des-



de a década de 1940 para explicar a grande adesão dos produtores capixabas à política de erradicação dos cafezais. O Espírito Santo apresentava saldo migratório negativo, significando que o Estado, ao contrário da sua trajetória histórica de grande absorvedor de mão-de-obra, estava expulsando população. A cafeicultura já não dava conta de reter a mão-de-obra no território capixaba (BUFFON, 1992).

O mesmo autor mostra que na década seguinte o saldo migratório reduziu em função de melhorias no preço do café e das atividades industriais, especialmente em Cariacica e portuárias de Vitória (BUFFON, 1992).

No entanto, no final da década de 1950 a cafeicultura do Espírito Santo entra em crise. Não havia mais terras novas aptas para o cultivo de café, e os preços internacionais despencaram, tornando insustentável a atividade nos moldes como era desenvolvida.

A década de 1960 expressou, concre-

tamente, os efeitos das manifestações anteriores. Como consequência da elevada adesão dos produtores à política de erradicação dos cafezais, muitos deixaram o campo e migraram para a Grande Vitória (ROCHA; MORANDI, 1991). Cariacica e Vila Velha foram os municípios que mais receberam essa população.

Vitória nesse momento era uma cidade estadual e interestadual. Centralizava o comércio de café do Espírito Santo e era o principal porto exportador do minério de Minas. A condição econômica mais favorável da Capital, relativamente à das outras cidades do Estado, possibilitou a criação de novas formas de valorização do capital.

A construção civil já experimentava a utilização intensiva do solo urbano na perspectiva de apropriação da cidade por meio da produção vertical de imóveis. Resultado: o preço da terra elevava-se a patamares antes não experimentados, em função das novas possibilidades de uso que a terra proporcionava. Como



consequência, a migração campo–cidade foi seletiva. Aqueles que migraram para Vitória dispunham de melhores condições financeiras para pagar preço mais elevado da terra, enquanto a grande maioria foi para Cariacica e Vila Velha, onde havia maior disponibilidade natural e social de terra e, por consequência, o seu preço era menor.

Não havia em Cariacica o uso intensivo da terra por meio da produção imobiliária para venda no mercado. O mercado imobiliário operava com o comércio de lotes urbanos e, na maioria das vezes, de forma irregular. Uma importante parte do município foi criada nessa década de 1960 por meio de loteamentos irregulares e ocupações espontâneas com invasões de áreas públicas e privadas. Foram realizados 25 loteamentos nessa década em Cariacica.

Ruptura dos limites regionais e uma nova elite em Cariacica

O movimento de população na década 1960 para Cariacica e as transformações na sua estrutura produtiva têm um significado importante para a compreensão do município. Há uma fração da população cariaticuense e da elite na atualidade que teve sua origem nesse mesmo momento da década de 1960, enquanto a elite tradicional se desfez, também, a partir desse período.

A ruptura do isolamento regional que o Espírito Santo vivia – novas formas de concorrência de dimensão nacional se estabeleceram – e a opção tomada para o desenvolvimento estadual, nesse momento, modificaram a estrutura produtiva tradicional do município e desestabilizaram a política local.

Os proprietários de alambiques, de olarias, das fábricas de presunto e banha, de serrarias, de pequenas siderúrgicas tiveram



dificuldade de lidar com o novo padrão de concorrência que se apresentou a partir daquele momento. As perspectivas do mercado nacional em ampliação para todo território nacional chegaram a Cariacica. A pavimentação das BRs é um indicador da ampliação e integração desse mercado em dimensões nacionais. Resultado: a maior parte das empresas dos ramos tradicionais desapareceu em Cariacica.

A outra parte da elite tradicional se refugiou no comércio de lotes urbanos. Viu no mercado de terras perspectiva de valorizar o seu patrimônio. Contudo, não há registros que mostrem que essa parte da elite tenha investido em atividades produtivas e diversificado seus negócios na promoção do desenvolvimento local. Há suspeitas de que se tratasse pura e simplesmente de atividades especulativas com a terra urbana.

Enquanto a população rural de Cariacica não sofreu alteração na década de 1950, a urbana cresceu 210%, respondendo pela forma-

ção de bairros como Campo Grande, entre outros. O crescimento populacional do município nessa década foi de 82%, menor do que o verificado de 1960 para 1970, que correspondeu à extraordinária taxa de 156%. No entanto, os indicadores apontam que houve crescimento da população rural da ordem de 134%, menor, todavia, do que a urbana, de 167% (IBGE/DIPEQ/ES/SDDI). Contudo, não se pode com isso admitir que estivesse ocorrendo prosperidade no campo. A área plantada de café no município reduziu de 732 hectares em 1960 para 144 em 1970; a de cana, de 269ha para 163ha no mesmo período, enquanto aumentaram o cultivo da banana e o efetivo bovino, respectivamente a área de 512ha passa a 992ha, e os bovinos, de 3.980 para 4.873 cabeças (IBGE, Censos Agropecuários). O crescimento da população rural indicado pelos dados censitários é explicado pelo crescente número de invasões e loteamentos irregulares criados nas franjas da cidade, mas fora do perímetro urbano, que



somaram 25 no período, conforme indicação anterior. Essa situação ajuda mostrar o crescimento do comércio de terras praticado por membros da elite local.

A população que migrou do campo para Cariacica a partir da década de 1950, como os descendentes de italianos, teve importante papel na sustentação dos novos rumos políticos tomados pelo município. Parte dos migrantes em condições melhores dedicou-se às mais diversas atividades e progrediu. Eles estão em posições estratégicas no segmento de móveis, de confecções, de metalmecânica, de bebidas e no comércio varejista. Outra parte, formada pelas camadas populares, boa parte marginalizada, se organizou em comunidades com a mediação da Igreja, de sindicatos e de partidos políticos. Os dois grupos de migrantes têm hoje importante representação na estrutura de classes de Cariacica e tiveram significativa participação na transição política que estabeleceu a ruptura com o passado de desmandos, que o município viveu por muitos anos.

Reestruturação Produtiva

A alternativa que as elites capixabas encontraram para lidar com a crise, que colocou em questão a reprodução da estrutura produtiva agrária, nos moldes que vinha se desenvolvendo há quase um século, foi a industrialização, o estabelecimento de novas relações de produção no campo e o cultivo de outras culturas.

A alternativa criada mudou substancialmente a lógica industrial baseada na diversificação produtiva e direcionada para atender o mercado interno. Situação na qual Cariacica se sobressaía como território da indústria na Grande Vitória. Mudou não só o perfil da indústria, hoje concentrado em poucos ramos produtores de semielaborados, voltados para o atendimento do mercado externo, como também a sua localização no território – a industrialização deslocou-se de Cariacica para a Serra.

A década de 1960 e as seguintes trouxeram sucessivos impactos negativos para Ca-



riacica. O município recebeu um dos maiores contingentes de migrantes vindos do campo por falta de alternativa de sobrevivência em suas regiões de origem. Sua base industrial foi afetada pelo novo direcionamento dado à industrialização estadual e sofreu os efeitos estabelecidos pelo novo patamar de concorrência, que alcançou dimensões nacionais.

O mercado estadual se abria aos propósitos do capital nacional e do internacional. Em função desse contexto, as empresas locais de ramos tradicionais, sustentadas por bases frágeis, tiveram dificuldade em sobreviver. Cabe citar os primeiros frigoríficos, as olarias, as fábricas de aguardente tradicionais e de móveis, estas também lidavam com a matéria-prima que se extinguiu e tiveram dificuldade de trabalhar com uso de novas tecnologias e materiais.

Aos efeitos econômicos acarretados pelo desaparecimento de empresas locais somou-se o aumento das demandas por serviços pú-

blicos por parte da população de menor renda, que crescia em termos exponenciais no município. Cresceu também a fragilidade política, pela ausência de uma elite responsável que imprimisse um rumo consequente para o desenvolvimento local. No entanto, experiências pretéritas das próprias atividades produtivas que existiram no município – estas possibilitaram a formação de um saber que pôde ser transmitido – a nova fração de classe que chegou ao município atraída pelo momento de prosperidade vivido durante a década de 50, a presença das atividades da CVRD e de empresas que atravessaram a crise e se recompuseram, tudo, mais a posição estratégica do município, ligado a duas rodovias e duas ferrovias federais, conferiu-lhe oportunidades que se desdobraram em atividades produtivas criadas nos interstícios do novo direcionamento industrial. Essas novas atividades tiveram como protagonistas os imigrantes, descendentes de italianos, que vieram e refundaram Ca-



riacica a partir dos anos 1950.

Estes se encontram hoje nos ramos de móveis, confecções, metalmecânica, bebidas e no comércio varejista. De um lado, a nova elite cariaticuense de descendência italiana, do outro, a população com menor renda, formada por aqueles que migraram com a erradicação do café e tiveram a mediação da Igreja, de partidos políticos, de sindicatos na sua construção como ator político responsável. As duas frações de classe, conforme anteriormente foi mencionado, formaram a base de sustentação dos rumos recentes tomados pela política local.

Em meio ao processo de reconstrução política e de alternativas econômicas ocorridas nos interstícios do desenvolvimento metropolitano, Cariacica assume novas funções no projeto de desenvolvimento estadual pautado na especialização produtiva. O território de Cariacica passa a ser um lugar estratégico para armazenagem de mercadorias.

Impactos da reestruturação industrial da década de 1990

Nas décadas anteriores a produção industrial teve como referência o mercado nacional; na década de 1990 a referência foi o mundo. Nesse sentido, as empresas tiveram de se adaptar. Reduziram custos, ficaram mais eficientes, aumentaram a capacidade de apresentar respostas aos desafios, para lidar com o novo mercado, que se apresentava mais concorrido.

No Espírito Santo essa situação pôde ser percebida na reestruturação e privatização das grandes empresas e no deslocamento do processo decisório dessas empresas para fora do país, diminuindo os efeitos das interferências políticas das instâncias estadual e municipal nos rumos dos projetos capazes de impactar o desenvolvimento local.

Empresas anteriormente vistas como agências de desenvolvimento regional reduziram sua participação em projetos de desen-



volvimento local. Aumentaram os vínculos com o mercado externo, estabelecido a partir do território metropolitano. Nesse sentido, esse território, anteriormente conhecido como aglomerado urbano da Grande Vitória, ganhou dimensões metropolitanas, assumindo novos papéis no contexto do desenvolvimento que se apresentava de escala mundial. Aumentam as disputas por esse território.

Cariacica participa desse novo momento funcionando como retaguarda logística de armazenamento das operações de comércio exterior. A construção do cais de Capuaba, no município de Vila Velha, foi importante na valorização relativa do território cariaciquense para a logística portuária. Cabe salientar as áreas próximas à Estrada do Contorno e os terrenos que margeiam a Estrada de Ferro Vitória-Minas nas imediações das oficinas da CVRD em Porto Velho.

No entanto, o expediente da desregulamentação portuária estabelecido para o país

na primeira metade da década de 1990, no qual os terminais privados foram autorizados a operar com carga de terceiros, foi decisivo para as atividades de comércio exterior no Espírito Santo, que já utilizavam os benefícios do Fundap¹⁰. Cariacica participa desse momento com seu território, que é apropriado pelas atividades de armazenamento.

Entretanto, a orientação que o Espírito Santo tomou, pela especialização produtiva e pelas atividades de comércio exterior, que levaram à reestruturação das empresas com foco no mercado globalizado, teve implicações no processo de desenvolvimento de Cariacica. Na década de 1990 a CVRD desativou sua superintendência de operações ferroviárias de Cariacica e foi verificada a falência de empresas importantes estabelecidas no município, como a Cofavi, a Braspérola e a Metalpen.

10 Fundo de Desenvolvimento das Atividades Portuárias, criado na virada para os anos 1970, que opera até os dias atuais baseado na renúncia de arrecadação de aproximadamente 65% da Receita do ICMS incidente sobre produtos importados.



Perspectivas

A opção industrial tomada pela especialização produtiva cresceu na região metropolitana, por meio do aumento da produção das grandes empresas e do crescimento das atividades de comércio exterior. E os efeitos desse crescimento se manifestaram no território metropolitano. Este território se tornou privilegiado nessa perspectiva de desenvolvimento. Os investimentos estiveram e estão concentrados no território metropolitano. Por consequência, aumentaram as disputas por esse território.

O mercado imobiliário até então era essencialmente operado por empresas locais. Hoje é disputado também por empresas de fora do Estado. Pode ser visto como frente de expansão imobiliária na Região Metropolitana.

Primeiro Vitória e Serra se tornaram os territórios mais disputados, em função da concentração de investimentos, que mais re-

centemente também foram promovidos pelas atividades de exploração de petróleo em território capixaba. Os indicadores da tendência de novos investimentos no Estado continuam apontando essa região como a mais disputada. Nesse sentido, prenuncia-se para Cariacica uma nova inserção no processo de desenvolvimento da região metropolitana.

Primeiro Vitória e Serra se tornaram os territórios mais disputados, em função da concentração de investimentos, que mais recentemente também foram promovidos pelas atividades de exploração de petróleo em território capixaba. Os indicadores da tendência de novos investimentos no Estado continuam apontando essa região como a mais disputada. Nesse sentido, prenuncia-se para Cariacica uma nova inserção no processo de desenvolvimento da região metropolitana.

Estão sendo feitos investimentos viários importantes no município. A ligação de Cariacica com Vila Velha, por intermédio da Rodovia



Leste-Oeste, e a duplicação da Estrada do Contorno, estabelecendo ligação entre Cariacica e Serra. Tanto uma como a outra via permitirá acesso mais rápido ao porto de Capuaba e ao porto de Praia Mole, considerando ainda a possibilidade de construção de um porto de águas profundas neste local.

Caso seja concretizada a construção de uma nova siderúrgica em Anchieta, um ramal ferroviário atravessando o município de Cariacica será construído, aumentando, assim, o potencial de disputa pelo território municipal.

A reestruturação produtiva na indústria verificada na RMGV e a ruptura regional levaram para Cariacica a especialização produtiva. Indústrias tradicionais desapareceram, impossibilitadas de concorrer no mercado, que assumiu outras dimensões, agora nacional/internacional.

A nova inserção metropolitana por meio da especialização produtiva, do armazenamento e do transporte de cargas, como opção

por uma maior arrecadação e menor geração de empregos, se contrapõe a diversificação produtiva com possibilidade de maior oferta de emprego. Compromete ainda mais as possibilidades de resgate do passivo social historicamente criado em Cariacica.

A construção da mencionada infraestrutura viária amplia as possibilidades do município de Cariacica apresentar-se como uma outra frente de expansão metropolitana por meio da produção imobiliária, especialmente por intermédio da construção de moradia social promovida pelo poder público. As indicações são importantes nesse sentido. E verifica-se que a produção formal de moradias patrocinadas pelo Estado hoje é realizada em lugares tradicionalmente ocupados de maneira informal pela população de baixa renda. Ampliam-se por consequência os limites da cidade, sem que, contudo, se leve urbanidade a esses lugares, tornando mais custosa e anti-social a "cidade" que se configura.



Referências Bibliográficas

ALMADA, Vilma Paraíso Ferreira de. **A escravidão na história econômico-social do Espírito Santo 1850-1888**. Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal Fluminense, 1981.

BEZERRA, Omyr Leal. **Cariacica**: resumo histórico. 2. ed. Cariacica: IPEDOC, 2009.

BROEDEL, Dalva. **A Cesan e sua história**. Vitória: Artgraf Ltda/Copisol, 1994.

BUFFON, José Antônio. **O café e a urbanização no Espírito Santo**: aspectos econômicos e demográficos de uma agricultura familiar. Campinas. Dissertação de mestrado apresentada à Unicamp, 1992.

CAMPOS JR, Carlos T. **O novo arrabalde**. Vitória: PMV, 1996.

_____. **A construção da cidade**: formas de produção imobiliária em Vitória. Vitória: Flor e Cultura, 2002.

_____. **A formação da centralidade de Colatina**. Vitória: IHGES, 2004

CANO, Wilson. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. São Paulo: Difel, 1977.

CAVATI, João Batista. **História da imigração italiana no Espírito Santo**. Belo Horizonte: São Vicente, 1973.



COSTA, João Ribas da. **Canoeiros do rio Santa Maria**. 2. ed., PMSL/FCAA/UFES, 1982.

FERREIRA, Sinésio Pires. **Espírito Santo: dinâmica cafeeira e integração no mercado nacional 1849-1960**. Rio de Janeiro: UFRJ, EIE, 1987. 261p. Dissertação (Mestrado em Ciências). Instituto de Economia Industrial, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

IBGE. **Censos Agropecuários**: 1940, 1950, 1960, 1970, 1975, 1980, 1985 e 1995/96.

_____. **Censos Demográficos**: 1950, 1960, 1970, 1980, 1991e 2000.

MARTINS, José de Souza. **O Cativoiro da Terra**. 2. ed. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas-LECH, 1981.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. **Recenseamento do Brasil em 1920**. Espírito Santo. Propriedades rurais de Cariacica. Rio de Janeiro: Typ. Estatística, 1923.

MONJARDIM, Adelpho. **Vitória física**: geografia, história e geologia. Vitória: Rev. Canaan Ed., 1950.

PETRONI, Pasquali. **Aspectos geográficos da área de colonização antiga do Estado do Espírito Santo**. Vitória: IHGES, 2004.

IBGE. **Recenseamento do Brasil em 1872**. Espírito Santo.



ROCHA, Haroldo Corrêa; MORANDI, Angela. **Cafeicultura e grande indústria:** a transição no Espírito Santo 1955-1985. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1991.

311

